



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**LULÚ NÃO MENTE**

POR ZÉ D'ALDEIA

— «**M**ÃISINHA, eu vi um rato que media
«Vinte palmos, talvez, da minha mão!
«Andava na despensa em correria,
«E ladrava tão alto como um cão!

— «Lulú é mentiroso; oh! isso é feio...
«Um rato como diz, jámais se viu!
«E, ai, então, a ladrar! Eu cá não creio!
«Se mente, novamente, apanha, ouviu?

— «Mãisinha, pode crer. Tinha uma bôca...
«(Com qual a poderei eu comparar?!)
«Era, talvez, assim, como a da foca
«Que vi no Coliseu a trabalhar!

— «Já lhe disse, Lulu, não minta mais:
«corrija êsse defeito tão ruim.
«O menino envergonha seus bons pais;
«Que não gostam de ter um filho assim.

— «Mãisinha, eu não lhe minto, até lhe digo,
«Que seria, talvez, o rei dos ratos...
«Eu olhei-o, com medo, do postigo,
«Até usava calças e sapatos!...



— «Basta, Lulu! Não seja mais teimoso,
«Pois não sabe o desgosto que me dá!...
«Se continua a ser tão mentiroso,
«Faço queixa de si ao seu papá.

(Continua na página 3)

UM RAPAZ INVISIVEL

POR ANTONIO VICENTE ROCHA

DESENHOS DE ADOLFO CASTANÉ

COMO conseguiu o jovem estudante Rui Pedro arranjar um processo de se transformar num ser invisível — é que não vos posso dizer.

O que é certo é que, quando queria — zás! — podíamos estar ao pé dele, que não dávamos pela sua presença; ninguém o via!

Rui não era um fantasma. Vivia, apalpava-se, sentia-se... Mas o portentoso invento dum sábio, muito seu amigo, tinha o miraculoso condão de transformar quem quer que fôsse num ser transparente, absolutamente invisível.

O Ruizito, frágil e louro, devia ser, naquele tempo, o rapaz mais feliz do mundo.

Hoje, não sei — que nunca mais tive notícias dele, desde que, na companhia de meus pais, fui de longada até ao Minho.

Rui Pedro possuía, assim, tudo, que lhe apetece-se; realizava as mais inconcebíveis partidas. Prescindo, mesmo, de vos contar algumas delas — verdadeiramente desopilantes — como aquelas em que uns polícias, sem saber donde partiam alfinetadas e formidáveis bofetadas, que recebiam, desconfiavam uns dos outros e se envolviam nas mais hilariantes desordens).

Eu peço que, por momentos, vos imagineis assim como o nosso estudante. Podéis fazer tudo que vos apetece-se, não é verdade? Pudera! Ver sem ser visto... Não é nenhuma admiração.

Eu, Rui e mais um grupo de rapazes, resolvemos, um dia, fundar um «team» de «football». Mas, para o organizarmos, está claro que devíamos comprar uma bola que, numa loja do meu conhecimento, custava apenas trinta escudos. Juntamos dinheiro, e, num domingo, de manhã, a cobiçada bola era pertença nossa.



no espaço, as mais bizarras evoluções, e, por fim, entrar nas rédes, enganando o próprio «keeper», todos os parceiros e até os espectadores. Os nossos adversários é que ficavam de boca aberta e, durante o desafio, quasi que nem tinham o prazer de tocar na bola.

Uma avalanche de «goals»! Chegaram a equiparar-nos, em técnica, com os melhores «onzes» do país!

Uma cousa, porém, muito notada, era a circunstância de, repetidamente, jogarmos só com 10 jogadores, quando a constituição dum grupo — toda a gente o sabe — é de 11.

Escuso de vos dizer que o endiabrado Ruizito se tornava invisível; agarrava na bola e, porque ninguém o via, ludibriava e esquivava-se de todos os contendores. Conseguia, assim, facilmente quantos «goals» lhe apetece-se, o grande marau!

Foi por isso que até chegámos a dar uns valentíssimos 24-0 num grupo muito refilão do 'nosso bairro, cujos componentes, após o encontro, pareciam meio idiotas e não queriam acreditar em tal resultado.

Os condiscipulos do Rui, estavam como queriam. Podiam dar o mais espetaculoso estenderete que, no fim do ano, ou dos períodos, os professores, nem que fossem os mais terríveis, os favoreciam benévolaemente com médias excelentes.

E' claro que o Rui se encarregava de apagar os 8 e transformá-los em 12...

Se um dia Portugal se envolver numa guerra — disse-me muitas vezes Ruizinho — vencerá, com certeza, nem que seja contra o mundo inteiro!

Ele próprio se encarregaria de pôr em reboliço as trincheiras inimigas.

Como ele possui a propriedade de se tornar invisível, calculem os meus queridos leitores as diabruras que fará! Imaginem a seguinte hipótese, por exemplo:

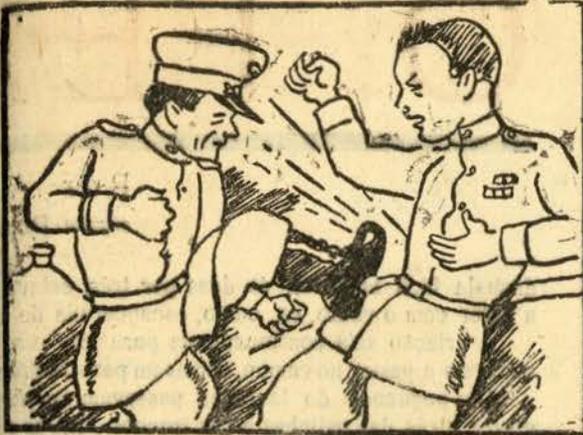
O general P. está a explicar, muito amavelmente, ao marechal S., a maneira de exterminar os portugueses num quarto de hora. O marechal aprova, entusiasticamente, os planos guerreiros do general e diz que os agradece e os vai pôr, sem perda de tempo, em acção.



— Bem; tu vais para guarda-rédes, eu para defesa; aquele, que é direito, vai para o extremo deste lado, etc. etc. E não tardamos a arranjar um grupozinho muito enérgico, aguerrido e homogénio.

Vencemos os nossos mais cotados rivais — O Sporting Club da Rua Nova, por 20-0. Ora, este resultado prova, eloquentemente, a nossa fantástica superioridade. Eramos o melhor grupo infantil lisboeta.

Suponho que me consideravam um «ás», porque, às vezes, mesmo do meio do campo, mandava um pontapé-zito inocente, e era um regalo ver o esférico descrever,



O Rui, ouvindo tudo, fica indignado e, como portu-guezinho valente que é—mesmo que não fôsse invisível—dá um grande pontapé numa perna do marechal. Este, grande militar, muito risonho, explica, cientificamente, ao general, os inconvenientes de apanhar caneladas, sem quê nem para quê. O general ouve-o mudo de espanto e pensa, com razão, que o marechal está maluco de todo.

Mas tudo esquece—e os dois guerreiros inimigos conti-nuam a falar na exterminação da nossa Pátria.

Destá vez é o general que apanha um tremendíssimo pontapé num joelho. Começa a gritar, aos saltos, cheio de dóres, e chora; faz uma estranha ginástica á perna, para ver se ela não está partida, diz encolerizado ao marechal que para a outra vez lá vá dar pontapés nos seus soldados e que não mais os experimente nos seus mimosos joelhinhos—se quiser!!! O marechal ouve-o; pensa que o seu interlocutor teve uma alucinação—e, como tudo esquece, voltam novamente a planear o extermínio de Portugal.

Nisto, o marechal apanha um violento murro no nariz, vê as estrelas ao meio dia e, ao mesmo tempo, o general recebe um formidável soco nas costas, que o faz dobrar-se todo. Como ali não está ninguém que os pudesse ter assim agredido, os dois comandantes envolvem-se em zaragata, esmurram os queixos um ao outro, andam pelo chão, ficam cheios de lama, berram que nem po-cessos, enfim, pintam o caneco!

—Ah! mariola, que me deste um sopapo no nariz!

—Ah, gatuno, que me fas dando cabo dum joelho!

O Rui ajuda (sem ser visto, está claro) á missa, moendo-os com pauladas. Acodem soldados, separam os discos e perguntam, nos respectivos idiomas:

—O que foi, senhor marechal?!

—Quem lhe bateu, senhor general?!

E como os dois superiores se acusem um ao outro,

os soldados tomam o partido dos seus comandantes e desencadeiam uma guerra tremenda, que só acabará pelo completo aniquilamento de ambos os lados.

E o nosso Portugal a rir-se, muito feliz e contente, enquanto o nosso Rulzito se conserva ignorado ingloria-mente—para sua honra e do sábio, seu amigo!

A paz reinaria em todo o mundo! Ninguém ousaria atacar o nosso País!

Quem fôsse apologista da guerra—apanhava tanta pancada, tam misteriosamente, que se retiraria das suas operações, a coxear, com o corpo todo moído, pensando e com razão, em almas do outro mundo!

Recebi ontem uma carta do Rui, que é um apaixonado «sportman». Dizia, entre muitas coisas:

«—No próximo jogo de «football», em que toma parte Portugal, a nossa Pátria vencerá, nem mesmo que defron-te a forte «équipe» inglesa. Serei eu que meterei imensos «goals», sem ser visto, prometo-te!»

Os queridos leitores verão se, o que me diz o Rui, não será verdadeiro!

F I M

FESTIVAL do PIM-PAM-PUM



Publicamos hoje o 4.º Cupão para a grande festa que Anão Sabichão está organisando e que, trocado, na devida oportunidade, pelo bilhete definitivo, re-presenta nova entrada absolutamente grátis.

LÚLÚ NÃO MENTE

(Continuação da página 1)

— «Máisinha, foi verdade, olhe que foi;

«Se visse os olhos seus! Enormidade!

«Teriam o tamanho dos dum boi,...

«Ai pode acreditar que isto é verdade.

— «É demais! O Lúlú vai apanhar,

«Pois faltou ao respeito á sua Mã!

«O Paisinho também há-de ralar,

«Hei-de fazer-lhe queixa, note bem.

— «A Máisinha não bate, vou jurar.»,

«O Lúlú não mentiu; isto é exacto...»

«Foi um sonho, Mamã, foi a sonhar

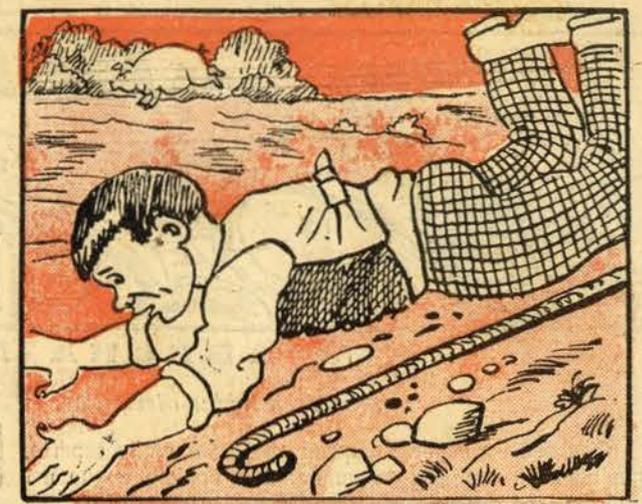
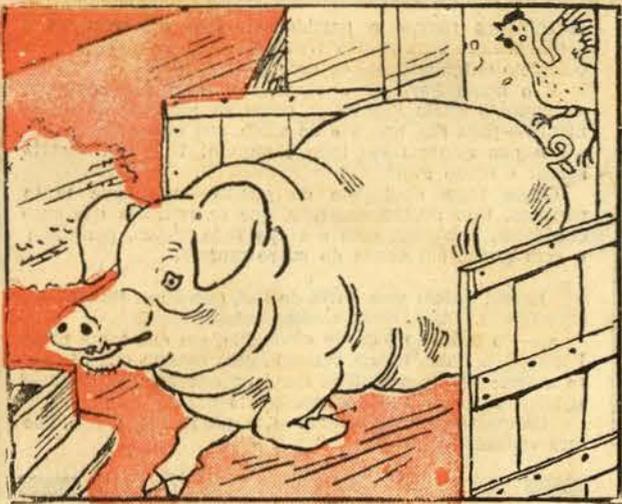
«Que, na despesa, eu vi o grande rato!



O FERROLHO

Por ANAO SABICHÃO

— DESENHOS DE A. CASTANÊ —



daquela fácil tarefa e, ás duas por três, estava a cancela a bater com o vento, ou, então, escancarada de tódo.

A criação saía continuamente para fóra e as rézes que andavam a pastar no campo, entravam para dentro do quintal.

Os pequenos do lavrador passavam metade do dia a correr atrás das galinhas e dos frangos para os recolherem, e atrás dos carneiros e das ovelhas para os enxutarem dali. A mulher do lavrador fartava-se de lhe recomendar que arranjasse um ferrolho, mas o marido respondia sempre:

— Ora, adeus! Não merece a pena! Temos passado até aqui sem isso e não estou para gastar uns escudos que me fazem falta! Para os pequenos até é bom, tomam conta

da criação e das ovelhas. Escusam de estar, para aí, de mãos a abanar! —

E a cancela continuava sem ferrolho...

Um belo dia, safou-se do chiqueiro o porco mais gordo que lá tinham.

Com tóda a sem-cerimónia, empurrou a cancela, desatou a correr por ali fóra e foi-se esconder no mato.

Apenas se deu pela sua falta, foi um alvoroço de tremor. O lavrador, que estava, na cavaliça, a prender um cavalo, ao ouvir a algazarra, largou-o, logo, para correr atrás do porco.

A mulher, que engomava na cozinha, pôs o ferro de

lado e seguiu o marido. A filha que tratava de mexer um guizado, da mesma forma o deixou e correu, também, no encalço do animal. Os filhos, mais o moço da lavoura, desarvoraram tódos em direcção ao mato.

Mas, com a pressa, o moço de lavoura, ao saltar uma sebe, torceu um pé;

O lavrador e os filhos acarretaram o pobre rapaz para casa, e deixaram, assim, de perseguir o pôrco.

A mulher e a filha tiveram de ficar a tratar dêle.

Deram então com os seguintes desastres: o guizado, á força de ferver, estava todo esturrado e cheirava a bispo, quere dizer a queimado, que trezandava, e as duas camisas, que a mulher deixara penduradas ao pé da lareira, tinham-se chamuscado e estavam perdidas. O lavrador fartou-se de ralhar por causa dêstes desmazelos. Mas foi, depois, á



Á aqui tratel dêste assunto, mas parece-me que nunca será demais repisar nos grandes transtornos e desastres que ocasionam pequenos desleixos.

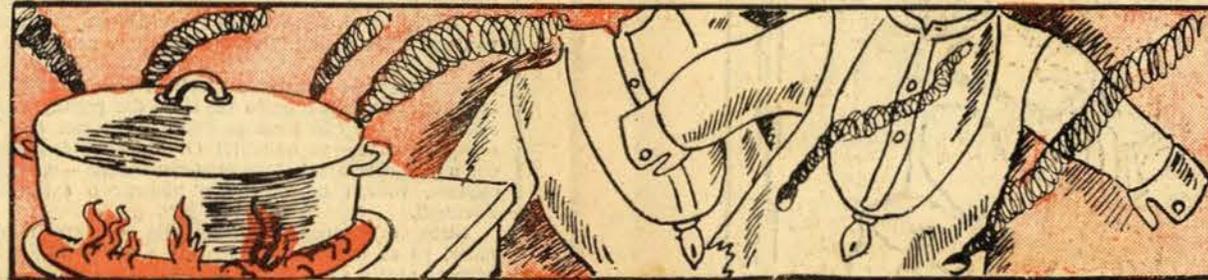
Por isso, torno, ainda, mais uma vez, a contar aos meus amiguinhos uma história cheia de complicadas peripécias, só motivadas pela falta do ferrolho numa porta.

Essa porta nem sequer era porta, mas uma reles cancelinha do quintalório dum senhor lavrador.

Dava essa cancelinha para os campos.

Quando era o próprio lavrador que entrava ou saía por ali, o caso ia bem, porque o homem tinha todo o cuidado em empurrar a cancela.

Agora, as outras pessôas, quási sempre se esqueciam



O DUCHE AMBICIOSONADO



I — O engenheiro Anacleto prepara um grande projecto, a-fim de canalisar as águas de Mesão-Frio e poder remediar a falta de água no Estio.



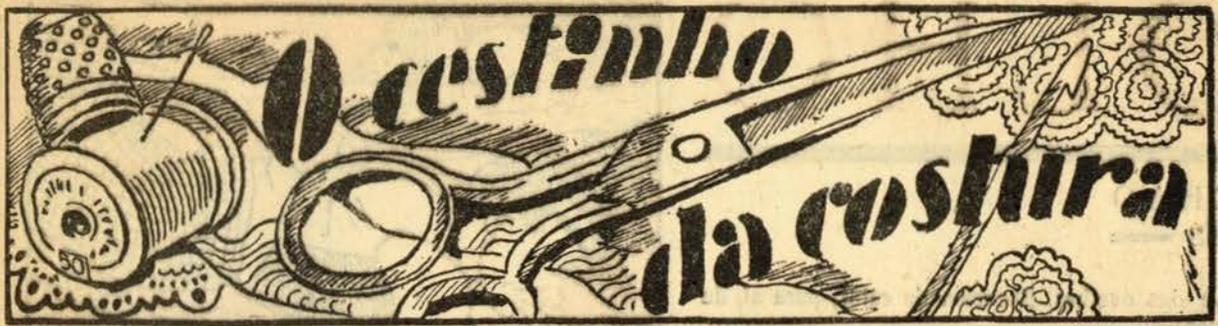
II — Sobraçando o seu projecto, já na rua, o Anacleto fala à D. Doroteia, mesmo ao pé dum chafariz, a qual, pela sua idéa, o felicita e lhe diz:



III — «Oxalá que o seu projecto, meu caro amigo Anacleto, dê resultado excelente: toda a água de lá puxe... Pois ha muito, infelizmente, que eu não tomo um belo duche!»

IV — Então, responde Anacleto, pondo o extremo do projecto no topo do seu nariz, e a outra ponta, sem qu'rer, à bica do chafariz: — «Vai ver, amiga, vai ver!...»

V — E, antes de tempo, o projecto do nosso grande Anacleto, obteve um bom resultado; pois, longe da sua idéa, o duche, tão desejado, teve a Dona Doroteia!



POR **ABELHA MESTRA**

Minhas queridas discipulas:

Conhecem a história daquele coelho, muito esperto, que vivia na capoeira do quintal dum colégio e que um belo dia teve artes de fugir, roubando o casaco e a sacola de um menino, a-fim-de, com êsse traje, correr o mundo, fazendo-se passar, entre os outros animais, por um grande sábio e chegando, na realidade, a ter tal fama que até (caso de pasmar!) foi chamado a ser juiz numa grave contenda de feras?

Pois eu tal história não lhes vou contar, mas trago hoje à Fernanda o retrato do tal figurão para ela bordar no bibe da sua linda bésésinha.

Aplicas o ponta pé de flôr e, com linha brilhante D. M. C., fazes o coelho em cinzento, o colete e punhos encarnados, o casaco preto, a correia e a sacola em amarelo, bem como os botões.

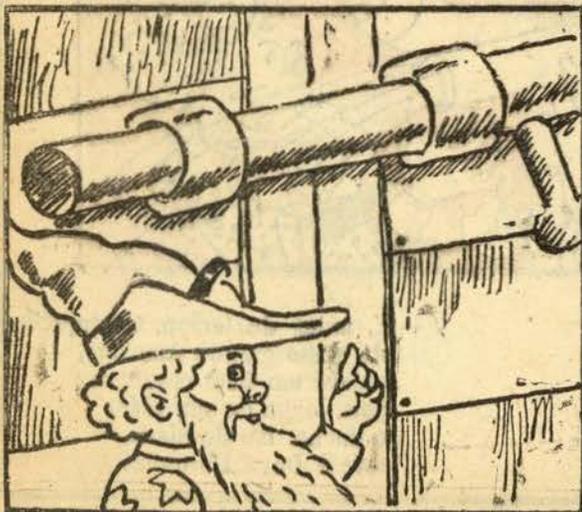
Completas o conjunto fazendo os bigodes pretos e o ôlho encarnado.

Ofélia — Não foi possível publicar hoje o desenho que pediste. Havia que atender outro pedido, mas leva para a praia o linho destinado ao saco e no dia 19 compra O Seculo, para leres o interessante «Pim-Pam-Pum» que lá encontrarás o que me pediste.

Edith Costa — Quando chegar a tua vez publicarei o que me pedes.

Maria Gabriela — Recebi o teu bilhete que me deu muita alegria, vejo que és uma menina muito bem educada e por isso recebe um grande beijo da tua amiguinha.

ABELHA MESTRA



cavaliça e caiu em si, pois também êle tinha graves culpas no cartório: — deixara o cavalo á sôlta e o animal dera um formidável couce num potro e quebrara-lhe uma perna!

Para se curar da entorse, levou o moço de lavoura, mais de quinze dias e como êle, por conseguinte, não podia trabalhar, o lavrador ficou prejudicado.

Perdeu, além disso, um belo potro, um cevado magnífico e duas camisas, isto sem falar na perda do guizado, — tudo por falta de um ferrôlho que custava, certamente, uma bagatela! Há um ditado que diz:

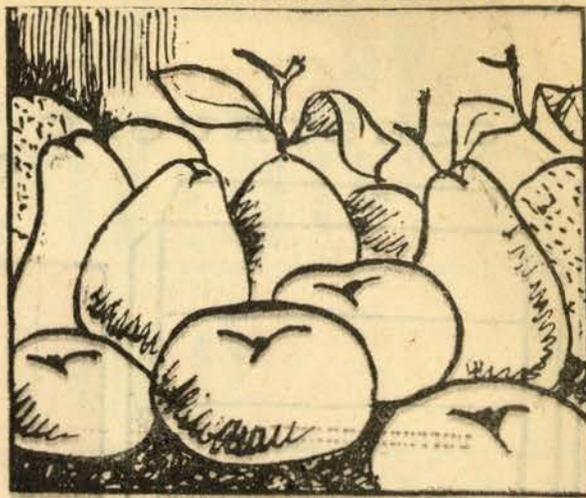
— Por não gastar o que basta,
o escusado se gasta! —

E eis aqui, por hoje, meus queridos leitoresinhos, o que o vosso anão desencantou para vos entreter e relembrar a conveniência de não sermos desleixados, tanto nas coisas grandes como nas pequenas.

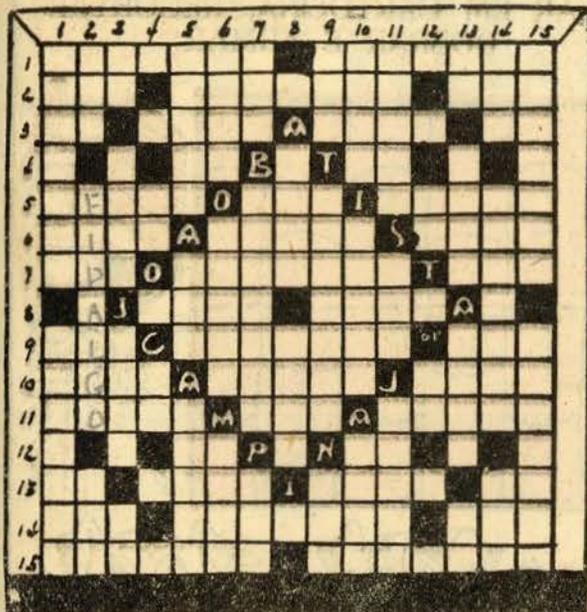
CHARADAS EM FRASE

Solução do número anterior: 1, Peroguarda; 2, Macaco; 3, casa; 4, mangerico; 5, Aristoteles; 6, Dinamarca; 7, Sebastião; 8, Serpa; 9, café.

PARA OS MENINOS COLORIREM



PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS. — 1, Dever — Condenável; 2, Nome próprio — Tortuoso — Época; 3, Único — Uiva — Animal mamífero — Carta; 4, Batráquio — Pura; 5, Raça — «Lã» em ortografia antiga — Entreguei; 6, Situado — Nome feminino — O Mesmo; 7, Discurso — Piteu — Junte; 8, Nome masculino — Mulher deliciosa; 9, Muito — Ecoado — Saco em francês; 10, Largo — Anagrama de «veado» partida; 11, Resgatar — Ode a santa — Da voz; 12, Artigo Espanhol — Ofereça; 13, Alto! — Atmosfera — Povoação — Pronome — 14, Amigo em francês — Emocionante — Oceano; 15, Costa — Fome.

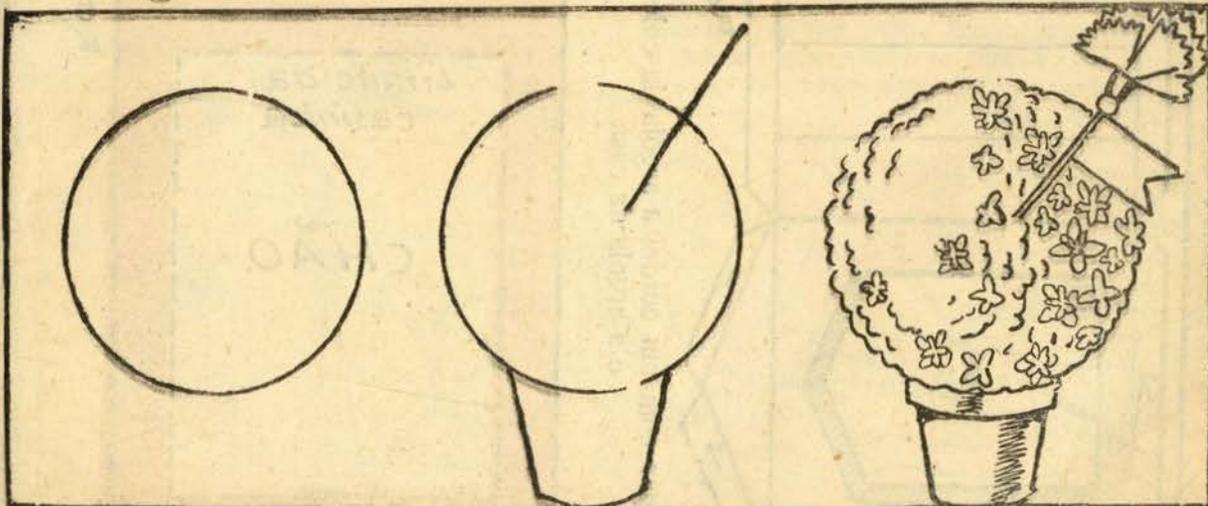
VERTICAIS. — 1, Pegajoso — Conjugual; 2, Nome próprio — Dom — «Amigo» em francês; 3, Laço — Fantasia — Mana — Pronome inglês; 4, Laço — Vogais; 5, Avareza — Cabo — Demorar; 6, Associação — Mistura — Tese; 7, Artigo inglês — Do lado — Lista; 8, Balda — Brancos são...; 9, Colocar — Passada — Cruel; 10, Costumas — Parede de levada — Deusa — 11, Reparar — Arco — Rápido; 12, Vogais — Rio europeu; 13, Lê — Índio — Sapato — Nota; 14, Ocasão — Farpado — Oceano; 15, Compaixão — Novata.

ADIVINHA

Meus meninos: Vejam se descobrem onde estão os donos deste cãozinho?



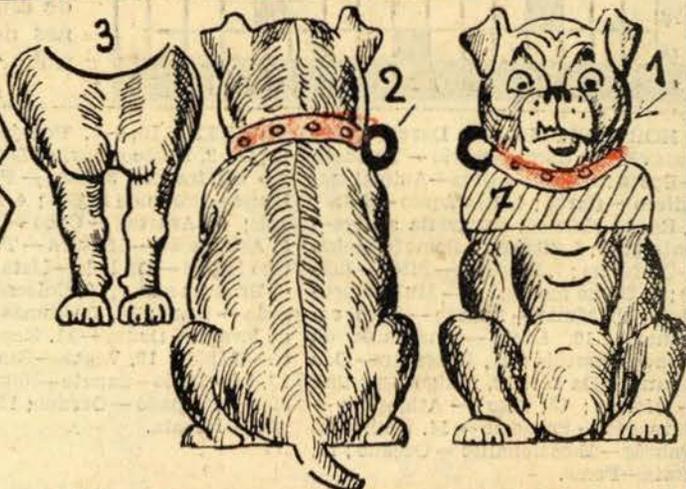
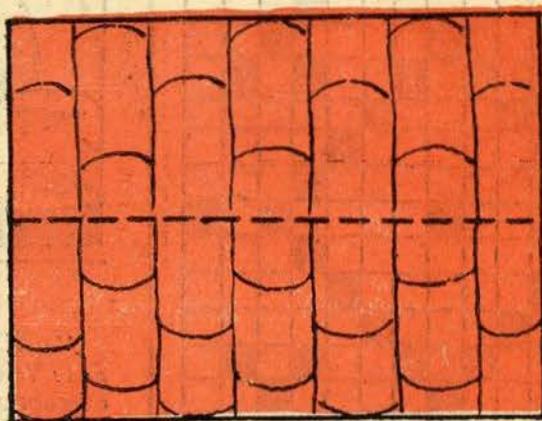
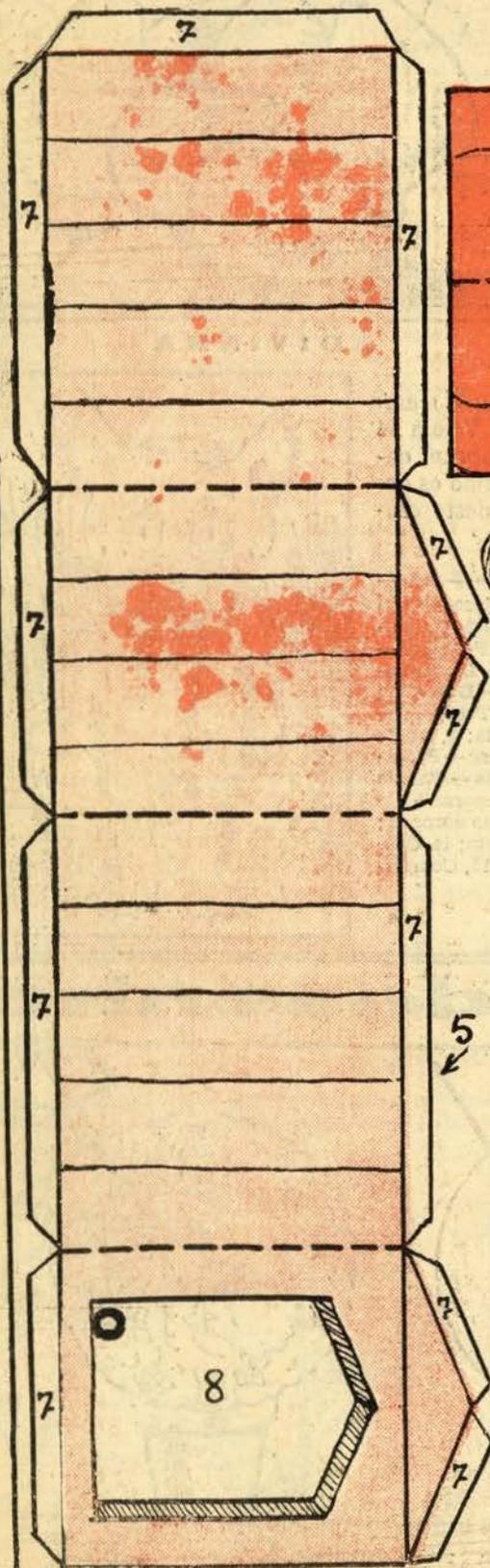
Lição de desenho



Como se desenha um mangerico.

A Casinha do Cão

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR
COLAR EM CARTOLINA, RECORTAR
DOBRAR E ARMAR



5
Ligar com um cordel a argola da coleira e a argola da casa



Limite da casinha

CHÃO